

A FORMAÇÃO DE LEITORES JUVENIS COMO FUNDAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO CRÍTICO E PARA A MELHORIA DOS PROCESSOS EDUCACIONAIS

Julia Maria de Aguiar Nunes¹
Maria Emanuely Marques Sousa²
Mariana Andrade Brito³
Catarina Da Graça Almeida Matos⁴
Pollyanne Bicalho Ribeiro⁵

RESUMO

O presente resumo tem como objetivo relatar uma experiência desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), voltada à promoção da leitura literária em uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública. A ação consistiu na mediação da leitura de clássicos da literatura brasileira, seguida de atividades como a produção de mapas mentais, visando favorecer a compreensão crítica das obras e despertar o interesse dos estudantes pela leitura. O referencial teórico adotado fundamenta-se em autores que compreendem a leitura como prática formativa e humanizadora, como Freire (1989), o qual propõe que a leitura da palavra esteja conectada à leitura do mundo, de modo que o ato de ler se relaciona à realidade e à vivência dos alunos, compreendendo o texto a partir do contexto. Inserido nesse pensamento, Candido (1995) defende a literatura como um direito fundamental, capaz de humanizar e desenvolver a sensibilidade. Utilizamos também as ideias de Colomer (2005) que enfatiza a importância da mediação pedagógica para que os estudantes se apropriem do texto literário de forma significativa. Metodologicamente, a prática foi desenvolvida por meio de encontros presenciais, com leitura orientada, discussões coletivas e elaboração de mapas mentais como estratégia de síntese e interpretação. Os resultados indicaram aumento no engajamento dos estudantes, que passaram a participar de forma mais ativa nas atividades. Observou-se, ainda, um avanço na interpretação textual, com melhoria na capacidade de identificar temas, personagens e conflitos, bem como de relacioná-los à realidade contemporânea. A experiência evidenciou que, quando mediada de forma intencional e fundamentada teoricamente, a leitura literária no espaço escolar não apenas desperta o gosto pela leitura, mas também promove o desenvolvimento de competências interpretativas, discursivas e reflexivas.

Palavras-chave: Leitura literária, Formação de leitores, Mediação docente.

1Graduando do Curso de Letras Português-Francês da Universidade Federal Do Ceará - UFC, julianunesufc@gmail.com;

2Graduando pelo Curso de Letras Português da Universidade Federal Do Ceará - UFC, emanuelymarques75@gmail.com;

3Graduando pelo Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal Do Ceará - UFC, marianaandrade3103@gmail.com;

4Mestrado em Educação pela Universidade Federal Do Ceará - UFC, catarinagamatos@gmail.com;

5Professora orientadora: Doutora em Linguística Aplicada pela Puc Minas, Professora da Universidade Federal do Ceará - UFC, pollyanne_br@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

Neste relato de experiência, apresentamos a experiência que tivemos enquanto alunas bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), realizando projetos literários em uma turma de 1º ano do ensino médio. Trazemos no relato autores que auxiliaram na compreensão do nosso tema, tais quais Freire (1989), Candido (1995) e Colomer (2005), uma vez que suas teorias embasam o ensino de leitura em sala de aula, colaborando para o entendimento crítico dos alunos e o melhoramento do ensino, áreas que estão relacionados ao tema da nossa experiência relatada.

A proposta deste trabalho partiu do interesse em incentivar a leitura de forma mais significativa, ampliando o contato dos alunos com diferentes narrativas e criando momentos de reflexão crítica. Acreditamos que a literatura, quando trabalhada de maneira dialógica, tem o poder de despertar a imaginação, favorecer a compreensão do mundo e formar leitores mais autônomos. Nosso objetivo foi justamente promover essa formação, estimulando jovens a desenvolverem uma postura crítica diante dos textos lidos. Para conduzir o projeto, recorremos a aportes teóricos que defendem a leitura como prática transformadora e essencial na formação do sujeito. Essas perspectivas fundamentaram nossa escolha metodológica, orientando o trabalho em sala de aula. O principal recurso adotado foi o livro *Contos Macabros* (Esteves, 2010), cuja diversidade de histórias possibilitou diálogos e interpretações coletivas. Esse instrumento serviu de mediação entre os alunos e a literatura, permitindo momentos de análise, questionamento e construção de sentidos compartilhados.

Este relato de experiência está organizado em introdução, onde apresentamos o assunto a qual será trabalhado, a justificativa de termos feito esse projeto de leitura, a justificativa de porque tal projeto foi de suma importância, tanto para os alunos, quanto para nós bolsistas PIBID. Além disso, relataremos o nosso referencial teórico, que serviu de base para nossas práticas em sala de aula, após temos a metodologia, com uma detalhada explicação de como ocorreu o projeto de leitura e para finalizar, trouxemos os resultados e considerações finais, onde é de suma importância para observamos as mudanças ocorridas ao longo de nossa experiência.



REFERENCIAL TEÓRICO

Visando produzir um diálogo mais humanista com os alunos do Ensino Médio, e mostrar-lhes a importância da leitura em suas vidas, foi escolhido como um dos pilares principais de nossa pesquisa a obra *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* (Freire, 1989), a qual é uma peça significativa na educação brasileira. Em suas escritas, ele diferencia o que seria a leitura do mundo e a leitura da palavra e como é imprescindível que essas duas práticas andem juntas. Assim como Freire, pensamos que a leitura ocupa um papel central na formação do ser humano, não apenas como um ato de decodificar signos linguísticos, mas também como prática de compreensão crítica.

É de suma importância também considerar que, por serem sujeitos pensantes que convivem em meio social, o ser humano já interpreta o mundo em que vive, por meio das experiências cotidianas, das relações sociais e culturais. Freire (1989) considera, então, que essa atitude é uma leitura do mundo, sendo essa precedente à leitura da palavra, que é a representação sistemática desse processo, permitindo que o sujeito registre, comunique e reflita sobre a realidade de maneira mais elaborada. Em suas palavras: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (Freire, 1989, p.9).

Então, a partir de seus ensinamentos, entendemos que ensinar a leitura de forma significativa, é compreender ela como um ato crítico, ligado à vida e às experiências de nós seres humanos. O ato de ler é justamente interpretar o mundo e posicionar-se diante dele. Essa perspectiva teórica foi de suma importância para entender a dificuldade dos alunos de lerem livros clássicos, já que muitas vezes esses textos lhe são apresentados de maneira distante e descontextualizada. No espaço escolar, a concepção freireana se conecta ao destacar também o papel do professor-mediador em criar situações de leitura que dialoguem com o cotidiano dos estudantes, tornando o texto literário próximo de sua realidade.

Assim, tentamos vencer os desafios importantes do ensino da leitura, como a resistência dos alunos, que pode ter surgido quando a leitura era tratada como obrigação e não como experiência de sentido. O pensamento freireano orientou o projeto a transformar o contato com a literatura em um exercício de formação crítica, aproximando os estudantes dos clássicos e fortalecendo o papel da escola na construção de leitores autônomos.



Complementando a visão humanista de Paulo Freire (1998), Candido (1995), em *O direito à literatura*, amplia o debate ao compreender a leitura como um direito humano fundamental. Assim como o alimento e a educação, a literatura é um bem “que não pode ser negado a ninguém” (Candido, 1995, p. 173), sendo indispensável à formação integral do indivíduo e à consolidação da cidadania. Para o autor, negar o acesso à literatura significa mutilar a humanidade, pois ela “humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (Candido, 1995, p. 176). Candido também ressalta o papel democrático e transformador da literatura, que “confirma, nega, propõe e denuncia, amplia e combate”, permitindo ao leitor refletir e se posicionar diante das injustiças sociais. Ao discutir o “direito à literatura”, o autor alerta que a organização da sociedade pode “restringir ou ampliar a fruição deste bem humanizador” (Candido, 1995, p. 186), evidenciando a necessidade de garantir o acesso à leitura como prática de emancipação. Nesse sentido, a teoria de Candido dialoga diretamente com nossa prática docente, ao defender que o ensino da literatura deve promover a formação de leitores críticos e sensíveis à realidade. Em nossa experiência, compreendemos a leitura como um instrumento de humanização, inclusão e transformação, que reforça o papel do professor como mediador de sentidos.

Unindo-se aos pensamentos de Freire e Candido, buscamos compreender qual seria o papel do docente nesse processo. Diante disso, trazemos Teresa Colomer (2005), especialista na formação de leitores, para colaborar com nossa experiência em sala de aula. O seu pensamento nos auxiliou a identificar a presença do professor em sala de aula como um instrumento eficaz no processo de leitura, para seus estudantes, tomando esse papel de mediador.

Colomer, de início, nos ajudou a pensar na manutenção da leitura em sala de aula de uma maneira coletiva. Ela afirma que “a leitura se relaciona sempre de alguma maneira com as atividades compartilhadas” (Colomer, 2005, p. 146), por isso fomos impelidas a trazer essa dimensão aos alunos, favorecendo leituras em grupo, não limitadas ao âmbito individual de cada leitor. Além disso, a autora destaca que a formação do leitor depende de um trabalho pedagógico sistemático, em que o professor vai atuar como mediador entre o texto lido e o aluno. Temos, nos estudos de Colomer, a compreensão de que a leitura não é uma atividade natural, mas uma construção cultural que exige um processo de aprendizagem e





acompanhamento. É nesse sentido, então, que o professor torna-se responsável por organizar as experiências de leitura, bem como construir essas pontes entre o livro e o estudante.

A mediação docente deve promover diálogo, conexão e interação, saindo da noção apenas da transmissão de ideias do texto literário. Colomer afirma o papel do professor em organizar as experiências de leitura em sala de aula, a partir do que ela diz que ele deve “ajudar o leitor a encontrar os significados do texto e a elaborar sua própria resposta” (Colomer, 2005, p. 147), reforçando a construção desse profissional de ensino que colabora de maneira mais a intermediar o contato da obra literária e o aluno. Desse modo, com esses três autores, visualizamos a atuação da leitura em sala de aula de maneira mais transformadora, promovendo o contato crítico, mais engajado e essencializante dos alunos com os livros.

METODOLOGIA

O projeto de leitura foi desenvolvido por nós bolsistas do PIBID, a qual somos licenciandas de Letras Português. A nossa experiência iniciou-se com um período de observação diagnóstica de um mês na escola, etapa fundamental para conhecer a realidade dos alunos e identificar suas principais dificuldades em relação à leitura de clássicos literários. Além disso, realizamos este estudo em campo na Escola de Ensino Médio Dr. César Cals, com 33 alunos do 1º ano do ensino médio, supervisionado pela professora Catarina Da Graça Almeida Matos.

A partir dessa análise observatório na escola, tornou-se evidente a necessidade de criar um espaço pedagógico que estimulasse a compreensão literária e contribuísse para a formação de leitores mais críticos, o que justificou a escolha do tema do projeto. Nesse sentido, nosso projeto buscou aproximar a literatura da vivência dos estudantes, promovendo atividades que relacionassem a palavra escrita ao seu contexto social. Para Freire, o aprendizado da leitura deve partir de elementos do cotidiano do educando, pois já que “o comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador” (Freire, 1989, p. 39).

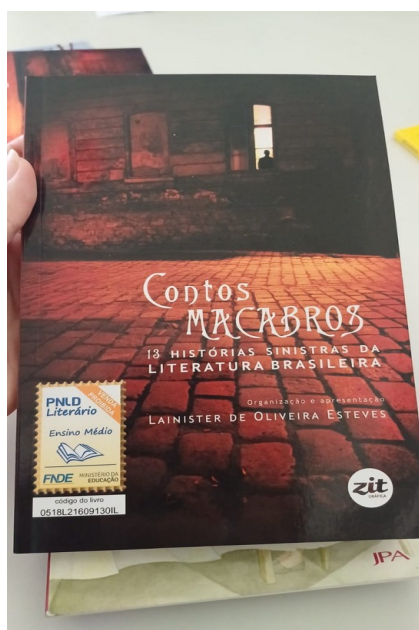


Pensando nisso, debatemos bastante sobre como apresentar a literatura clássica para os alunos, para que além de lerem, também gostarem e aprenderem o que estava sendo abordado. Tentamos trazer uma dinamicidade ao utilizar vocabulários de grupos populares, uma linguagem a qual os jovens têm mais intimidade, pois assim eles conseguem expressar “seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos” (Freire, 1989, p. 13).

Portanto, o projeto começou a ser construído sob essa perspectiva, entendendo a leitura como prática social, cultural e política. Ao articular leitura de clássicos, debates e atividades coletivas, buscamos não apenas melhorar o desempenho escolar dos alunos em Língua Portuguesa, mas também contribuir para a formação de leitores críticos, capazes de relacionar literatura e realidade. E além disso, consolidar um espaço de diálogo, favorecendo tanto o desenvolvimento cognitivo e crítico dos estudantes quanto a nossa formação docente, em consonância com o ideal freireano de uma educação transformadora.

Com base nessas reflexões iniciais, estruturamos nosso planejamento de forma colaborativa, buscando aplicar os princípios que orientaram o projeto. Antes das atividades em sala, realizamos reuniões mensais entre os bolsistas do PIBID para definir os contos e autores, considerando o perfil e o interesse da turma. Esse processo coletivo garantiu coerência entre teoria e prática, além de permitir ajustes conforme as necessidades da escola.

Figura 1 – Escolha do Livro





X Encontro Nacional das Licenciaturas
Fonte: Fotografia própria (2025)

O projeto foi dividido em duas etapas principais: leitura e produção escrita. Na primeira, realizamos leituras compartilhadas dos contos do livro “Contos Macabros”, seguidas de discussões sobre enredo, personagens e conflitos. Os alunos criaram mapas mentais, que os ajudaram a compreender melhor a estrutura narrativa.

Na segunda etapa, desenvolvemos atividades de escrita criativa, incentivando os alunos a recriar finais alternativos ou escrever textos inspirados nos contos. Essa prática fortaleceu o protagonismo dos estudantes, que passaram a ocupar o lugar de autores. Como destaca Candido (1995), a literatura tem papel essencial na formação humana por permitir ao sujeito reconhecer-se nas múltiplas realidades que ela representa — e foi isso que buscamos vivenciar em sala. Durante o projeto, a resistência inicial dos alunos deu lugar à curiosidade e ao envolvimento. O ambiente de troca beneficiou não só o aprendizado deles, mas também nossa formação docente, ao nos desafiar a escutar e adaptar nossas práticas.

Figura 2 – Atividade “Mapa Mental”



Fonte: Fotografia própria (2025)

Por fim, compreendemos que o projeto de leitura foi mais que um cronograma: representou uma construção conjunta entre professores em formação e alunos, reafirmando o poder humanizador da literatura e o “direito à leitura” como um bem acessível a todos, capaz de transformar tanto quem ensina quanto quem aprende.





Trazendo também a Colomer, que aponta a necessidade de criar “espaços de leitura compartilhada na classe” (Colomer, 2005 p. 148), tomamos o espaço de sala de aula, em encontros presenciais, em que a leitura em voz alta e de diferentes alunos era priorizada. Buscamos fazer surgir uma autonomia interpretativa, indicando o caminho literário com perguntas e estímulos a eles, relacionados ao texto lido. Vale ressaltar que também priorizamos a formação de duplas e sempre a troca de interpretações entre os alunos e nós bolsistas, para que houvesse um contato mais dialógico com os contos lidos.

Ao final do nosso projeto, pedimos uma atividade final, em que o dividimos por grupos de até 6 pessoas. Os alunos escolheram o conto que mais gostaram e fizeram uma releitura do conto, trazendo no cartaz imagens que remetessem à estética da história e outros elementos para compor o entendimento da narração, como personagens, ambiente, tempo e enredo. Em uma data prevista, organizamos para que a orientadora do PIBID e a professora responsável pela turma viessem à sala para ver a apresentação dos cartazes, bem como para ouvi-los contar as experiências de leitura, o motivo pelo qual eles escolheram tal história e o que eles mais gostaram do nosso projeto. Foi um momento muito enriquecedor, em que os alunos se sentiram prestigiados e puderam compreender, de forma mais concreta, a importância do projeto realizado com eles.

Figura 3 - Aluna explicando cartaz para orientadora do PIBID



Fonte: fotografia própria (2025)





Figura 4 - Foto da turma na atividade final

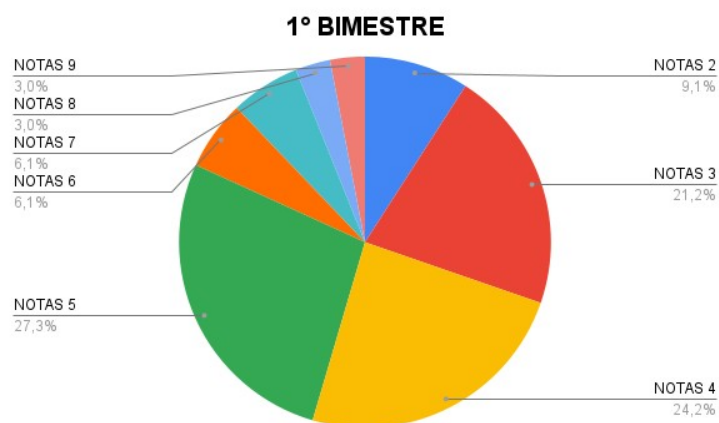


Fonte: fotografia própria (2025)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos os gráficos com o comparativo das notas do 1º bimestre, quando estávamos iniciando o projeto, com as notas do 2º bimestre, de modo que podemos analisar o impacto nas notas dos alunos. Foram contemplados pelo projeto de leitura 33 alunos, a qual analisamos as notas e participação em sala de aula.

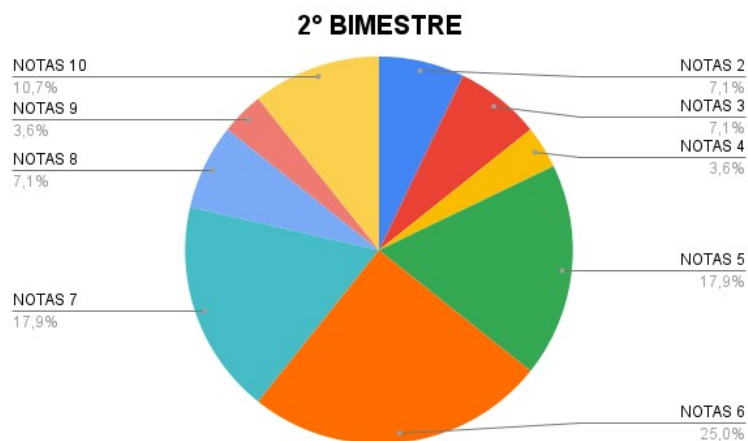
Figura 5 – Gráfico de Notas 1º Bimestre



Fonte: Realização própria (2025)



Figura 6 – Gráfico de Notas 2º Bimestre




Fonte: Realização própria (2025)

A análise comparativa entre os gráficos referentes ao 1º e ao 2º bimestres revela um avanço significativo no desempenho dos estudantes após a implementação do projeto de leitura. No 1º bimestre, observa-se uma maior concentração de notas baixas: 27,3% dos alunos obtiveram nota 5, enquanto 24,2% ficaram com nota 4 e 21,2% com nota 3. Esses dados indicam que mais da metade da turma apresentava desempenho crítico ou insuficiente nas atividades avaliativas, refletindo as dificuldades de leitura e compreensão observadas no diagnóstico inicial.

Após o desenvolvimento do projeto, no 2º bimestre, há uma clara mudança nesse panorama. As notas entre 7 e 10 somam mais de 40% dos resultados, enquanto as notas mais baixas (2, 3 e 4) apresentam queda expressiva. A nota 6, por exemplo, passa a representar 25% das avaliações, mostrando que os alunos alcançaram níveis mais satisfatórios de desempenho. Essa evolução demonstra o impacto positivo do trabalho de mediação e das práticas de leitura realizadas durante o PIBID.

O impacto positivo nas notas, portanto, não representa apenas uma melhora quantitativa, mas também qualitativa, uma vez que reflete o desenvolvimento de competências interpretativas e comunicativas. De modo geral, os resultados apontam que o projeto contribuiu para transformar a leitura em uma prática de compreensão e expressão,

fortalecendo o protagonismo dos alunos e reafirmando o valor da mediação pedagógica como instrumento de emancipação e aprendizagem significativa.


X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência demonstrou que a resistência inicial dos alunos à leitura de clássicos brasileiros podia ser superada por meio de práticas pedagógicas significativas, nas quais a leitura fosse compreendida como um ato de diálogo com o mundo e não apenas como uma obrigação escolar. Além dos benefícios para os alunos, o projeto proporcionou aos bolsistas PIBID uma vivência formativa essencial. A prática em sala de aula, aliada à reflexão teórica, possibilitou compreender com mais profundidade o papel do professor como mediador de experiências e promotor de aprendizagens significativas.

Assim, o PIBID mostrou-se um espaço fundamental de articulação entre teoria e prática, fortalecendo a identidade docente e reafirmando o compromisso com uma educação transformadora. Em síntese, o trabalho desenvolvido evidenciou que a leitura, quando mediada de forma crítica e contextualizada, pode se tornar um caminho potente de emancipação intelectual e social. O projeto cumpriu sua função de incentivar o gosto pela leitura e de contribuir para a formação de sujeitos autônomos, críticos e conscientes de seu papel no mundo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – por meio do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), que foi de extrema importância ao contribuir para as atividades dos bolsistas, preceptores e docentes orientadores com propostas tanto teóricas quanto metodológicas para as escolas públicas a nível nacional.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **O Direito à Literatura**. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-191.





COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global Editora, 2005.

ESTEVES, Lainister de Oliveira (org.). **Contos macabros: 13 histórias sinistras da literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

